Michael Cunningham



UMA CASA NO FIM DO MUNDO

TRADUÇÃO
Rui Pires Cabral

FICÇÃO · ROMANCE

Este livro é dedicado a Ken Corbett

O poema que tomou o lugar de uma montanha

Ei-lo, palavra por palavra,
O poema que tomou o lugar de uma montanha.

Ele respirava no seu oxigénio,
Mesmo quando o livro jazia voltado sobre o pó da mesa.

Recordava-lhe o quanto tinha precisado
De um destino para o seu próprio rumo,

Como tinha reordenado os pinheiros,
Movido as pedras e escolhido um caminho por entre as nuvens,

Pela perspectiva que mais lhe convinha,
Onde se acharia inteiro numa inexplicada inteireza:

A exacta rocha onde as suas inexactidões
Descobririam, por fim, a vista para a qual tinham avançado,

Onde poderia deitar-se, fitando o mar lá em baixo,
E reconhecer a sua única e solitária casa.

Wallace Stevens

PARTE I

Bobby

Certa vez o meu pai comprou um descapotável. Não me perguntem como. Eu tinha cinco anos. Comprou-o e guiou-o até casa com toda a naturalidade, como se trouxesse consigo um pedaço de estrada pedregosa. Imaginem a surpresa da minha mãe. Uma mulher que guardava os elásticos nas maçanetas das portas, que lavava os sacos de plástico usados e os punha a secar na corda da roupa, uma fiada de alforrecas insípidas a flutuar ao sol. Imaginem-na a esfregar o cheiro do queijo de um saco de plástico usado pela terceira ou quarta vez e o meu pai a chegar de *Chevy* descapotável – em segunda mão, mas nem por isso menos imponente –, uma paisagem de metal veloz, pára-choques cromados e acres daquilo que parece ser carne de prata moldada. O pai tinha visto o descapotável estacionado no centro da cidade com um letreiro que dizia VENDE-SE e decidira ser o tipo de homem que compra um carro por capricho. No momento em que se aproxima, compreendemos que a alegria maníaca que o possuíra tinha começado a desvanecer-se. O carro é já um embaraço. O pai avança pelo caminho de acesso à casa com um sorriso gelado que condiz com a grelha do *Chevy*.

Claro que teria de devolver o carro. A mãe não chegou a entrar lá dentro. Mas eu e Carlton, o meu irmão mais velho, somos convidados a dar uma volta. Carlton, louco de excitação, põe-se de pé no banco da frente e tem de ser obrigado a sentar-se. Eu ajudo. O pai agarra-o por um dos lados do cinto de *cowboy* e eu pelo outro. Gosto daquilo. Agarrar o meu irmão faz-me sentir útil.

Passamos por uma grande quinta. Os estábulos e os celeiros estão ancorados num mar de trigo oscilante, as tábuas brancas derretendo na luz tardia, nebulosa. Todos nós, mesmo Carlton, caímos em silêncio ao passar pela quinta. O sítio tem qualquer coisa de familiar. As vacas pastam, as árvores outonais projectam as suas sombras oblongas. Digo a mim próprio que

somos agricultores e que temos dinheiro que chegue para conduzir um descapotável. O mundo explode de possibilidades. Sempre que ando de carro à noite, acredito que a Lua me segue.

– Chegámos a casa – grito ao passar pela quinta.

Já nem sei o que estou a dizer. São os efeitos combinados do vento e da velocidade na minha cabeça. Mas nem o pai nem Carlton me fazem perguntas. Mergulhamos num silêncio vibrante. Nesse momento, tenho a certeza de que partilhamos o mesmo sonho. Levanto os olhos para descobrir que a Lua, branca e engelhada no azul gasoso do céu, está de facto a seguir-nos. Carlton ergue-se outra vez no banco, berrando contra o vento, e nós voltamos a puxá-lo para baixo, para o santuário daquele carrão.

Jonathan

As pessoas juntaram-se ao anoitecer no relvado que escurecia. Eu tinha cinco anos. O ar cheirava a relva acabada de cortar e os montículos de areia eram luminosos. O meu pai levava-me aos ombros. Eu era piloto e prisioneiro da sua enormidade. As minhas pernas nuas roçavam-lhe o rosto áspero como lixa e agarrava-me às orelhas dele, conchas grandes, macias e peludas.

A boca e as unhas vermelhas da minha mãe pareciam negras no crepúsculo. Estava grávida – a barriga começava a notar-se – e as pessoas apartaram-se para lhe dar passagem. Montámos o nosso pequeno acampamento numa zona plana, com duas cadeiras de alumínio. Os festejos tinham atraído multidões. O fumo dos fogareiros portáteis adensava o ar. Sentei-me no colo do pai e ele deu-me um golinho de cerveja. A mãe agitava o jornal como um leque. Os mosquitos esvoaçavam em círculos no éter violeta.

Nesse 4 de Julho, a cidade de Cleveland tinha contratado dois célebres irmãos mexicanos para lançarem fogo-de-artifício sobre o campo de golfe municipal. Os dois mexicanos percorriam as festas estaduais e religiosas do mundo inteiro. Vinham do México profundo, onde se coziam pães em forma de caveiras e virgens e onde o fogo-de-artifício era considerado a mais elevada forma de expressão artística.

O espectáculo começou antes do aparecimento da primeira estrela. Começou de modo pouco espectacular. Os irmãos estavam a provocar a audiência, lançando primeiro os fogos mais fáceis: as habituais florações duplas e triplas, espirais, feixes coloridos que deixavam atrás de si nuvens monótonas de fumo colorido. Nada de especial. Depois, ao fim de uma pausa, começaram a sério. Um foguete subiu a direito no espaço, arrastando um fio de luz prateada e florescendo purpúreo no final do arco, um lírio incandescente de cinco pontas, cada uma das pétalas rebentando numa nova flor. A multidão arrulhou de satisfação. O pai pousou a mão enorme

e castanha na minha barriga e perguntou-me se estava a gostar. Fiz que sim com a cabeça. Na base do pescoço dele, um tufo de cabelos aloirados despontava-lhe do colarinho da camisa de madrasto.

Novos lírios explodiram, vermelhos, amarelos e cor de malva, de longos caules prateados. Depois vieram as serpentes, cuspindo chamas alaranjadas, doze de cada vez, grandes curvas ondulantes que se entrelaçavam e separavam, silvando sem parar. Seguiram-se enormes flocos de neve silenciosos, corpos cristalinos do mais puro branco, e depois uma constelação na forma da Estátua da Liberdade, de olhos azuis e lábios de rubi. Os milhares de espectadores sustiveram a respiração e aplaudiram. Lembro-me do pescoço do meu pai, salpicado de pontinhos de sangue seco, as pregas soltas da pele revestindo o grande mecanismo bojudo que lhe subia e descia na garganta enquanto engolia a cerveja. Sempre que eu estremecia com uma detonação mais violenta ou uma dispersão de brasas coloridas que pareciam cair directamente sobre nós, o pai tranquilizava-me, garantindo-me que nada tinha a temer. Sentia no estômago e nas pernas a vibração daquela voz. Os braços esguios do meu pai, indolentemente bissectados por uma única veia, mantinham-me firme no meu lugar.

Quero falar sobre a beleza do meu pai. Bem sei que não é um tema habitual para um homem – quando falamos dos nossos pais, o mais provável é que contemos histórias de coragem ou fúria colossal, ou mesmo de ternura. Mas eu quero falar sobre a simples, intacta, beleza do meu pai: a poderosa simetria dos seus braços, loiros e ágeis, como se tivessem sido esculpidos em madeira crua; a suave, cadenciada, graciosidade dos seus movimentos. Era um homem compacto, fisicamente digno; o proprietário de uma sala de cinema tranquilamente apaixonado pelos filmes. A minha mãe sofria de enxaquecas e de ataques de ironia, mas o meu pai era sempre alegre, estava sempre a caminho de qualquer lugar, sempre certo de que as coisas se resolveriam da melhor maneira.

O pai saía para o trabalho e eu ficava em casa com a mãe. Ela inventava os jogos com que nos entretínhamos, pedia-me ajuda para fazer bolinhos. Não gostava de sair, especialmente no Inverno. O frio dava-lhe dores de cabeça. Era uma rapariga de Nova Orleães, de ossos estreitos e movimentos precisos. Tinha casado muito jovem. Por vezes levava-me para a janela, de onde ficávamos a observar a rua, esperando um momento no qual a paisagem gelada revelasse qualquer coisa de comum em que ela pudesse confiar

tão serenamente quanto aquelas robustas, exuberantes, mães de Ohio que conduziam carros enormes carregados de mercearias, bebés e parentes idosos. As canadianas deslizavam pela nossa rua como tanques condecorados celebrando vitórias em guerras estrangeiras.

– Jonathan – murmurava ela. – Eh, miúdo. Em que estás a pensar?

Era uma das suas perguntas preferidas.

– Não sei.

– Diz qualquer coisa. Conta-me uma história.

Eu tinha consciência da sua necessidade de falar.

– Aqueles rapazes vão levar o trenó para o rio – disse eu, referindo-me a dois rapazes mais velhos da vizinhança, rapazes que eu temia e adorava, e que atravessavam a rua de bonés axadrezados, arrastando atrás de si um maltratado trenó. – Vão deslizar no gelo. No entanto, é preciso ter cuidado com os buracos. Um rapaz pequenino caiu num buraco e afogou-se.

A história não era grande coisa. Era o melhor que conseguia arranjar de um momento para o outro.

– Quem te contou isso? – perguntou ela. Encolhi os ombros. Supunha que tinha inventado a história, mas às vezes era difícil distinguir entre o que acontecia e o que podia acontecer. – Essa história mete-te medo?

– Não – respondi.

Imaginava-me a deslizar sobre uma vasta planície de gelo, evitando habilmente os buracos de bordos serrados nos quais caíam outros rapazes com chapes tristes, derrotados.

– Aqui estás em segurança – disse ela, afagando-me a cabeça. – Não te preocupes com coisa nenhuma. Estamos os dois perfeitamente seguros aqui dentro. – Fiz que sim com a cabeça, se bem que pudesse distinguir um certo tom de incerteza na voz dela. O rosto da minha mãe, de queixo forte e nariz pequeno, reflectia a luz invernal que saltava da rua gelada e fazia ricochete de sala em sala, riscando as pratas no aparador, colorindo o pequeno candeeiro prismático. – E se me contasses uma história *cómica*? – sugeriu ela. – Vinha mesmo a calhar, não achas?

– Está bem – concordei, embora não soubesse histórias cómicas.

O humor era um mistério para mim; só sabia narrar aquilo que via. A velha *miss* Heidegger, a vizinha do lado, saiu de casa envergando um casaco que parecia feito de peles de rato. Apanhou uma folha de jornal que o vento arrastara para o relvado e voltou a entrar. Graças aos comentários privados

dos meus pais, eu sabia que *miss* Heidegger era cómica. Era cómica na sua determinação em manter o quintal imaculadamente limpo e nas suas convicções sobre os comunistas, que controlavam as escolas, a companhia telefónica e a igreja luterana. O meu pai gostava de dizer, imitando a voz chilreante de *miss* Heidegger: «Aqueles comunistas enviaram-nos outra conta de electricidade. Acreditem no que vos digo, estão a tentar expulsar-nos das nossas próprias casas.» A mãe ria-se, mesmo nas alturas de pagar as contas, quando o medo se lhe imprimia mais claramente em redor dos lábios e dos olhos.

Nesse dia em que estávamos sentados à janela, decidi ser eu próprio a imitar *miss* Heidegger.

– Oh, aqueles malvados dos comunistas sujaram-me o relvado com esta folha de jornal – disse eu, numa voz aguda e trémula não muito diferente da minha verdadeira voz. Ergui-me e caminhei rigidamente até à mesinha do café. Peguei num exemplar da revista *Time* e agitei-a sobre a cabeça. – Seus comunistas – crocitei. – Não se metam connosco. Estão a tentar expulsar-nos das nossas próprias casas, mas é bom que parem com isso.

A mãe riu-se, deliciada.

– Oh, és tão *mauzinho* – disse ela.

Voltei para a janela e a mãe coçou-me carinhosamente a cabeça. A luz da rua iluminava as cortinas de gaze, enchia a taça azul pousada na mesa junto ao sofá. Estávamos em segurança.

O meu pai trabalhava o dia inteiro, vinha jantar a casa e depois regressava ao cinema para a sessão da noite. Não sei o que fazia durante todas aquelas horas – tanto quanto sei, o funcionamento de uma única e improspera sala de cinema não exige a presença do proprietário desde manhã cedo até às primeiras horas da madrugada. Mas a verdade é que o meu pai se ausentava durante todas essas horas e nós não lhe fazíamos perguntas. Era ele que ganhava o dinheiro e mantinha a casa que nos protegia dos Invernos de Cleveland. Não precisávamos de saber mais nada.

Quando chegava para o jantar, o pai trazia o cheiro do frio agarrado ao casaco. Era grande e inevitável como uma árvore. Ao despir o casaco, os pêlos finos dos antebraços levantavam-se-lhe, electrizados, no ar tépido e macio da casa.

A mãe servia o jantar que tinha preparado. O pai acariciava-lhe a barriga, agora redonda e dura como uma bola de basquete.